

SOLA SCRIPTURA: A TRADIÇÃO PURITANA FRENTE A RETÓRICA REFORMADA

Raynara Karenina Veríssimo Correia²²⁰

Resumo: Este artigo apresenta um levantamento de dados a respeito da retórica no âmbito da Reforma Protestante com o intuito de saber como esta veio a ecoar no Puritanismo. Para isso, é nossa pretensão investigar como a tradição da retórica reformada foi incorporada por meio de personagens fundamentais do movimento, como Martinho Lutero (1483-1546), que oficializou o início do mesmo, e João Calvino (1509-1564), considerado o maior exegeta da reforma; afetando posteriormente o movimento puritano. Do puritanismo, destacamos William Perkins (1558-1602), que legou a história um dos manuais de homilética mais vendidos na sua época. Este estudo servirá de base para entendermos mais claramente como essa tradição atravessou séculos e continentes, chegando a influenciar Jonathan Edwards (1703-1758), ícone na história eclesiástica da América. Com um trabalho desta natureza, será possível também abordar a história da hermenêutica e sua vinculação com a retórica, abrindo caminhos para futuras análises concernentes a sermônica puritana.

Palavras-chave: Retórica. Reforma Protestante. Puritanismo. Sermões.

Abstract: This paper presents a survey of data about the rhetoric in the scope of the Protestant Reformation with the intention of knowing how it has reflected in Puritan Movement. For this, it is our intention to investigate how the reformed rhetoric tradition was incorporated by fundamental characters of the movement, such as Martin Luther (1483-1546), that has officialized its beginning, and John Calvin (1509-1564), who is considered the greatest exegete of Protestant Reformation; subsequently affecting the Puritan movement. From Puritanism, William Perkins (1558-1602), who has bequeathed history one of the best-selling homiletics manuals of his time is highlighted. This study will serve us as a basis to understand more clearly how this tradition crossed centuries and continents, even influencing Jonathan Edwards (1703- 1758), an icon in the ecclesiastical history of America. With a work of this nature, it will also be possible to address the history of hermeneutics and its connection with rhetoric, opening the way for future analyzes concerning to the puritanical sermons.

Keywords: Rhetoric. Protestant Reformation. Puritanism. Sermons.

1. RENASCIMENTO E REFORMA: AS CONTRIBUIÇÕES DE MARTINHO LUTERO E JOÃO CALVINO

O movimento reformado teve em seu centro indivíduos como Martinho Lutero (1483-1546), Ulrico Zuínglio²²¹ (1484-1531) e João Calvino (1509-1564), e por objetivo

²²⁰ Mestranda em Teoria e História Literária, Unicamp, raynaracorreia@gmail.com.

²²¹ Quando jovem, Zuínglio foi um seguidor do pensamento de Erasmo de Rotterdam – de quem tomara ciência em 1516; posteriormente, entre 1519-1520, passou a descrever parcialmente na ideia humanista e na

as reformas moral, teológica e institucional da igreja cristã. Segundo McGrath (2010) e González (2011), esse movimento era complexo e heterogêneo e seu projeto não dizia respeito apenas a uma reforma doutrinária da igreja, mas balizava também fundamentos de ordem social, política e econômica. A força que essas características impunham ao movimento fez com que os impactos da Reforma ultrapassassem o cenário da Alemanha, se estendendo a diversos países do mundo. Formalmente, a Reforma Protestante ocorreu entre os anos de 1517 e 1555, porém, como avalia Randell (1955), não seria adequado afirmar que um evento de tamanha vastidão tenha tido início e fim em datas específicas.

Embora a Reforma e o Renascimento tenham coincidido historicamente e sejam fundamentados em questões básicas de ordem similar, as respostas a tais questionamentos divergiram em tudo. Como explica Breen (1931), isto se deu porque por um lado, os humanistas partiam de pressupostos seculares para as suas questões, enquanto o protestantismo abordava uma perspectiva religiosa. Uma vez que a razão havia tomado o lugar da Revelação de Deus nas Escrituras, os reformadores se ocuparam em enfatizar o estudo da Palavra. Assim, na Reforma, a importância do homem deixou de ser em torno de si mesmo, voltando-se para o fato deste ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o que propiciou o surgimento de um novo referencial hermenêutico que afetara toda a estrutura do movimento cristão, como afirma Lopes (2004, p.159):

A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Representa um momento crucial na história da interpretação cristã das Escrituras. O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado. O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos reformadores.

A questão da hermenêutica deslocou-se então da autoridade da igreja para a compreensão pessoal das Escrituras. Popkin (2000, p.26), no entanto, explica que, a princípio, o embate de Lutero se deu dentro da própria tradição da igreja. Somente posteriormente ele

deu um passo crítico que foi negar a regra de fé da Igreja, apresentando um critério de conhecimento religioso totalmente diferente. Foi neste período que ele deixou de ser apenas mais um reformador atacando os abusos e a corrupção de uma burocracia decadente, para tornar-se o líder de uma

visão pelagiana de Erasmo, o que fez com que abandonasse suas concepções. Foi a partir daí que começou a defender a crença acerca da total depravação do homem e que este só teria salvação se fosse transformado por Cristo. (OLSON,2001, p.409)

revolta intelectual que viria a abalar os próprios fundamentos da civilização ocidental.

A princípio, Lutero basicamente seguia a tradição medieval e agostiniana de estudo da Sagrada Escritura. Segundo Virkler (1998, p. 46), Agostinho influenciou o período medieval com sua crença de que a Escritura possuía um caráter quádruplo - histórico, etiológico, analógico e alegórico:

A *letra* mostra-nos o que Deus e nossos pais fizeram;
A *alegoria* mostra-nos onde está oculta a nossa fé;
O significado *moral* dá-nos as regras ocultas da vida diária
A *anagogia* mostra-nos aonde termina a nossa luta.

Esse método possibilita uma série de interpretações, das mais variadas e fantasiosas possíveis, desviando a atenção do leitor ao que o texto está de fato querendo comunicar. Só posteriormente Lutero passou a rejeitar esse tipo de interpretação, a gramática e o contexto dominante na tradição católica, bem como os comentários escolásticos. Ele começou a considerar que, para ser um bom intérprete, deve-se levar em conta durante a exegese as condições históricas, e por isso, passou a priorizar o método histórico-gramatical e enfatizou um retorno aos pais da igreja (FERREIRA, 2014). Lutero deixou de lado os comentários alegóricos de Agostinho e passou a se debruçar exclusivamente à sua teologia e aos vários princípios que ele sistematizou a respeito de uma exegese livre de especulações e extravagâncias interpretativas²²². “Para reformar a igreja, era necessário obter uma forma mais pura de doutrina, e esta podia ser encontrada nos pais da igreja” (MCGRATH, 2014, p. 77).

Tal retorno revela uma das afinidades entre Lutero e o humanismo. McGrath (2014) elenca outras três dessas afinidades, a saber: 1- *Rejeição ao escolasticismo*. Os humanistas exigiam uma teologia mais simples, ao passo que Lutero exigia uma reforma

²²² Em *A doutrina Cristã*, considerado um tratado ou um estudo sobre os princípios da hermenêutica, Agostinho estabeleceu princípios importantes de interpretação bíblica, que foram sintetizados por Ramm (apud VIRKLER, 1998, p.45) da seguinte forma: 1. O intérprete deve possuir fé cristã autêntica; 2. Deve-se ter em alta conta o significado literal e histórico da Escritura; 3. A Escritura tem mais que um significado e, portanto, o método alegórico é adequado; 4. Há significado nos números bíblicos; 5. O AT é documento cristão porque Cristo está retratado nele do princípio ao fim; 6. Compete ao expositor entender o que o autor pretendia dizer, e não introduzir no texto o significado que ele, expositor, quer lhe dar; 7. O intérprete deve consultar o verdadeiro credo ortodoxo; 8. Um versículo deve ser estudado em seu contexto, e não isolado dos versículos que o cercam; 9. Se o significado de um texto é obscuro, nada na passagem pode constituir-se matéria de fé ortodoxa; 10. O Espírito Santo não toma o lugar do aprendizado necessário para se entender a Escritura. O intérprete deve conhecer hebraico, grego, geografia e outros assuntos; 11. A passagem obscura deve dar preferência à passagem clara; 12. O expositor deve levar em consideração que a revelação é progressiva.

da doutrina. 2- *O desejo de voltar às Escrituras*. Para os humanistas a Bíblia merecia respeito por sua simplicidade e antiguidade. Para Lutero, o respeito consistia no fato de ele crer que através dela o teólogo tinha contato com a Palavra de Deus. 3- *O interesse retórico*. Enquanto os humanistas tendiam a ver na eloquência um fim em si mesmo, os reformadores reconheceram a força desta ferramenta para um fim maior, a disseminação da Palavra de Deus.

Isto posto, foi categorizado um dos pilares da reforma protestante: o *Sola Scriptura*, princípio segundo o qual a Bíblia tem absoluta primazia sobre toda e qualquer questão relacionada à fé e prática de vida cristã. Como explicam Lopes (2004) e McGrath (2014), embora os humanistas tivessem a ideia de retornar às Escrituras em seus estudos, não se tratava de um sentido inclusivo, ou seja, outras fontes antigas poderiam ser consideradas autoritárias em algum sentido positivo do termo. *Sola Scriptura* para os humanistas significava “não sem as escrituras”. Para os reformadores, a expressão significava “através das Escrituras e apenas através das Escrituras”, de modo exclusivo.

O cenário instaurado inaugurava, portanto, um novo método hermenêutico e consequentemente retórico que estava a descortinar os nuances da teologia recém apresentada em Wittenberg, opondo-se ao método dialético que representou a teologia da baixa idade média. Com a pregação, os reformadores tinham o intuito de capacitar a mente, tocar as emoções e motivar os desejos, de modo que seu objetivo principal era alcançar e converter o coração, considerado o próprio núcleo do ser humano.

Em uma de suas obras²²³, Lutero enfatiza que na pregação deve-se “estimular os pecadores a sentirem seus pecados e despertar neles o desejo pelo tesouro do evangelho”. Em outro escrito²²⁴, ele lastima veementemente o fato de que não poucos pregam a Cristo meramente com a intenção de comover os sentimentos humanos ao invés de comunicar a fé cristã. Lutero entendia a pregação como um trabalho nobilíssimo, que sendo um meio de salvação, não se tratava apenas de uma atividade humana, mas da palavra de Deus proclamada. Isso, porém, não significava que Lutero rejeitava o uso de recursos retóricos no discurso. Pelo contrário, tal como Cícero, ele tinha consciência dos usos abusivos da

²²³ LUTERO, M. *Das Boas Obras* em Martinho Lutero: Obras Seleccionadas, vol. 2, O Programa da Reforma: Escritos de 1520. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989. p.128

²²⁴ LUTERO, M. *Tratado sobre a liberdade cristã* em Martinho Lutero: Obras Seleccionadas, vol. 2, O Programa da Reforma: Escritos de 1520. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989. p. 435-460.

retórica, mas isso não o impedia de enxergar o lado positivo da mesma²²⁵. A questão era que, no que dizia respeito à pregação das Escrituras, nenhum artifício retórico deveria encobrir ou ultrapassar o sentido original do texto.

Segundo Lopes (2004, p.48), “Lutero cria que a Palavra de Deus se manifesta de três maneiras: Deus Filho (a Palavra encarnada), a Bíblia (a Palavra escrita) e a pregação (a palavra proclamada). Em vista da relação íntima entre o Filho e a Bíblia, Lutero acreditava que todo o propósito da Escritura era revelar a Cristo.” Nesse sentido, enquanto expositor, ele partia do princípio que o texto devia controlar o sermão, e não o contrário. Ou seja, não é a igreja que deve determinar o que as Escrituras têm a dizer, mas as Escrituras que devem guiar a igreja. Para isso, Lutero recorreu a dois princípios fundamentais, sendo o primeiro *scriptura scripturae interpres* (A Escritura é intérprete da Escritura) e o segundo, *Omnis intellectus ac expositio Scripturae sit analogia fidei* (toda compreensão e exposição da Escritura seja de acordo com a analogia da fé) (MCGRATH,2014).

Em concordância com o pensamento luterano quanto ao propósito da pregação, João Calvino, a principal figura do segundo período da Reforma, afirmou (1847, vol.2, p.22²²⁶): “a palavra de Deus é pregada com o propósito de nos iluminar com o verdadeiro conhecimento de Deus, nos converter e nos reconciliar com Ele, para que possamos ser felizes e abençoados.” Em função disso, Calvino dedicou a sua preparação acadêmica, incluindo o conhecimento dos escritos dos pais latinos e da filosofia grega, além do domínio das línguas originais bíblicas (FERREIRA, 2014; GONZÁLEZ, 2011, LOPES, 2004) à Igreja, legando a esta um conjunto de obras que passaram a nortear os princípios da fé reformada. Segundo González (2011, p.64) ele é “sem dúvida, o mais importante sistematizador da teologia protestante do século XVI.”

Para Calvino, as Escrituras nos oferecem um escopo para nossos pensamentos e ações. Por meio dela, somos capacitados a ter uma visão mais adequada acerca de Deus, do mundo e de nós mesmos, o que de outro modo seria impossível. Ele enuncia figurativamente:

²²⁵ Em 17/08/1529, em virtude de um funeral do filho recém-nascido de um amigo, Lutero pediu a Justus Jonas, outro amigo muito próximo, para escrever uma carta de consolo usando “a melhor retórica”. (LUTHER, 1908, p. 194-195)

²²⁶ No original: “the purpose for which the word of God is preached is, to enlighten us in the true knowledge of God, to turn us to God, and reconcile us to him, that we may be happy and blessed.”

Exatamente como se dá com pessoas idosas, ou enfermas de olhos, e quantos quer que sofram de visão embaçada, se puseres diante deles até mui vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, mal poderão, contudo, ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma mais distinta. Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro.²²⁷

Calvino cria uma relação metafórica com as Escrituras: A Palavra é lente. Ela auxilia o homem a adquirir uma compreensão clara das coisas divinas. O discurso afeta todos os sentidos do ser humano, a princípio “enfermo” e por isso incapaz de distinguir sozinho a natureza do verdadeiro evangelho, levando-o a ver quem Deus é. Embora possa ter uma noção de Deus apreendida a partir da observação da natureza, por exemplo, somente com o estudo bíblico o homem pode vir a conhecê-lo em sua essência, a enxergá-lo com clareza, com olhos e intelecto “curados”. Numa perspectiva calvinista, Deus só se revela através da sua Palavra e é somente quando se conhece o seu Criador que se pode conhecer a si mesmo.

Podemos perceber assim que o tipo de humanismo que Calvino contemplava em seus escritos consistia no fato, considerado sublime, do homem ser criatura de um Deus supremo, digno de ser adorado e glorificado. Esta ideia é expressa na sua principal obra, *As Institutas da Religião Cristã*:

O primeiro livro, tratava do Deus criador e de sua soberania em relação àquilo que havia criado. O segundo livro, trata da necessidade de salvação do ser humano e de como alcançar essa redenção por meio de Cristo, o mediador. O terceiro livro, trata da maneira pela qual o ser humano se apropria dessa redenção, enquanto o último livro trata da igreja e de seu relacionamento com a sociedade (MCGRATH, 2010, p.103).

Considerado o maior exegeta da Reforma²²⁸, influenciando a igreja cristã até os dias atuais como um guia à fé evangélica, o pressuposto interpretativo de Calvino parte da ideia de que a Escritura é a Palavra de Deus inspirada e inerrante, revelada à humanidade e se confirma ao crente através do Espírito Santo. Em suas próprias palavras (1998, p. 262):

Eis aqui o princípio que distingue nossa religião de todas as demais, ou seja: sabemos que Deus nos falou e estamos plenamente convencidos de que os

²²⁷ CALVINO, J. *As Institutas da Religião Cristã*. Livro I. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 77.

²²⁸ Segundo Ferreira (2014, p.220), Calvino escreveu comentários sobre todos os livros do Novo Testamento, exceto 2 e 3 João e Apocalipse.

profetas não falaram de si próprios, mas que, como órgãos do Espírito Santo, pronunciaram somente aquilo para o qual foram do céu comissionados a declarar. Todos quantos desejam beneficiar-se das Escrituras devem antes aceitar isto como um princípio estabelecido, a saber: que a lei e os profetas não são ensinos passados adiante ao bel-prazer dos homens ou produzidos pelas mentes humanas como uma fonte, senão que foram ditados pelo Espírito Santo. [...] Devemos à Escritura a mesma reverência devida a Deus, já que ela tem nEle sua única fonte, e não existe nenhuma origem humana misturada nela.

Levando em consideração a figura de Deus como ser perfeito e, como consequência, sua confiabilidade enquanto orador, a inerrância e a inspiração de sua Palavra podem ser consideradas elementos seguros e fundamentais para elevar os textos bíblicos a um patamar superior à autoridade da Igreja e à tradição. “Enquanto Lutero foi o espírito feroso e propulsor do novo movimento, Calvino foi o pensador cuidadoso que forjou, das diversas doutrinas protestantes, um todo coerente.” (GONZÁLEZ, 2011, p. 64).

Podemos afirmar que o método hermenêutico de Calvino era, antes de qualquer coisa, essencialmente bíblico. Ele se dedicou à exegese gramatical quando o método alegórico ainda era a abordagem predominante no período. Em sua dedicatória a Grynaeus no Comentário de Romanos²²⁹, o primeiro que escreveu, nota-se a sua preocupação em fugir da prática comum, que tendia a transpor o significado original do texto. Preocupação que anos depois se consagraria em seu próprio método exegético:

Ambos [Calvino e Grynaeus] sentíamos que a lúcida brevidade constituía a virtude peculiar de um bom intérprete. Visto que a tarefa quase única do intérprete é penetrar a fundo a mente do escritor a quem pretende interpretar, o mesmo erra seu alvo ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor. Nosso desejo, pois, é achar alguém... que não só se esforce por ser compreensível, mas que também não tente deter seus leitores com comentários demasiadamente prolixos.

Calvino demonstra também sua preocupação em ser entendido. Para ele, a clareza, a brevidade e o sentido simples do texto são as condições básicas para a exegese. Calvino dava mais importância às interpretações claramente entendidas do que aquelas cuja engenhosidade prejudicasse a compreensão. Ao comentar textos bíblicos, ele analisa palavra por palavra, com excessivas digressões. Ele costumava seguir um padrão

²²⁹ CALVINO, João. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, p.10.

sequencial sistemático e mantinha uma mensagem direta, de modo que “ não havia frases desperdiçadas” (LAWSON, 2002, p.98). Além disso, Calvino era extemporâneo em sua apresentação, sem esboços quando subia ao púlpito, reagindo às pregações sem espontaneidade, frias e sem energia. Sua pregação também era exegética em sua abordagem, isto é, era interpretada conforme o ambiente histórico específico, as línguas originais, as estruturas gramaticais e o contexto bíblico (LAWSON, 2002).

Em nenhum momento Calvino se manifesta contra a eloquência. Para ele²³⁰, não devemos desprezar nem as expressões simples da verdade, nem a oratória sofisticada, contanto que sejam inteligíveis e estejam a serviço do texto. Kennedy (1999) explica que o que Calvino condena é a retórica com um fim em si mesma, de modo que obscureça a simplicidade da mensagem bíblica, com um apego tolo ao estilo impactante. Para João Calvino, o ouvinte deve ser cativado pela mensagem em si e não por histórias longas, linguagem florida e gestos impressionantes.

Calvino entendia que embora fosse tarefa de Deus converter os corações, o interlocutor deveria mediar uma facilitação em matéria de reflexão para que o discurso fosse apresentado de forma precisa, clara e direta, de modo a impactar a vida dos ouvintes. Nesse sentido, a pregação teria dois primeiros objetivos básicos, a saber, a Palavra e o ouvinte humano. Para que fossem alcançados, o pregador deveria dispor de uma eloquência espiritual que emanasse do amor pelo evangelho e pelas pessoas.

Já no fim do século XVI, a influência calvinista havia ultrapassado as fronteiras de Genebra, percorrendo a França, Escócia, Inglaterra, Holanda, partes da Alemanha, Hungria e Polônia, assim como ecoou entre os peregrinos que fugiram para a Nova Inglaterra no século XVII (FERREIRA, 2014), o que faz de Calvino um precursor do movimento puritano.

2. O MOVIMENTO PURITANO

O Puritanismo é um tipo de mentalidade, de atitude. Trata-se essencialmente de um movimento em defesa da reforma eclesiástica, da renovação pastoral, do evangelismo, e do avivamento espiritual; como uma expressão direta de seu zelo pela honra de Deus (JONES, 1993; PACKER, 1996; RYKEN, 2013). Seu interesse principal era estabelecer

²³⁰ CALVINO, J. *1 Corinthians*, in: *Calvin's Commentaries*. Albany: Ages, 1998.

uma Igreja pura, que abandonasse os vestígios restantes de cerimônia, ritual e hierarquia católicos, tornando-se uma Igreja verdadeiramente reformada, em que a doutrina das Sagradas Escrituras fosse central, enfatizando a doutrina da graça, que pode ser sintetizada da seguinte maneira: “Deus é a fonte de todo benefício humano e não se pode adquiri-la por mérito humano” (RYKEN, 2013, p. 79).

É difícil estabelecer uma data para o início do movimento puritano, pois, por exemplo, como aponta Jones (1993, p.249), em 1524, Willian Tyndale já possuía essa mentalidade, tendo um ardente desejo de que o povo comum pudesse ler as Escrituras, e, contra o endosso e a sanção dos bispos, ele mesmo lançou uma tradução da Bíblia. Segundo Packer (1996), foi no século XVI que os protestantes evangélicos da Igreja da Inglaterra foram chamados de “Puritanos”, visto que queriam eliminar os resquícios das práticas católicas romanas que sobreviviam na Igreja da Inglaterra, isto é, a Igreja Anglicana que havia sido fundada por Henrique VIII e foi moldada por sua sucessora Elizabeth I, Jaime I e seus conselheiros. Naquela época, o termo “puritano” tinha uma conotação satírica e ofensiva, proveniente do descontentamento motivado pela religião elisabetana.

Independente do que viessem a pensar deles, o fato é que eram pessoas que queriam completar a Reforma, e consideravam que a melhor forma de se obter isso era através da pregação expositiva, em que todas as partes da Bíblia fossem entendidas e expostas numa pregação que falasse de forma direta ao coração. A esse respeito, Packer (1996, p.25) afirma:

O alvo dos Puritanos era completar aquilo que fora iniciado pela Reforma inglesa: terminar de reformar a adoração anglicana, introduzir uma disciplina eclesiástica eficaz nas paróquias anglicanas, estabelecer a retidão nos campos político, doméstico e sócio-econômico, e converter todos os cidadãos ingleses a uma vigorosa fé evangélica. Por meio da pregação e do ensino do evangelho, bem como da santificação de todas as artes, ciências e habilidades, a Inglaterra teria de tornar-se uma terra de santos, um modelo e protótipo de piedade coletiva, e, como tal, um meio para toda a humanidade ser abençoada.

Os Puritanos colocavam grande ênfase na aplicação da Palavra de Deus e acreditavam que a pregação era a principal função do pastor, de modo que esta ocupou lugar central nos cultos. (JONES,1993; PACKER,1996; RYKEN,2013). Seguindo a tradição dos apóstolos e de Calvino, eles acreditavam que quando um homem pregava, Cristo estava falando através dele. Pela pregação, a Palavra escrita se tornava a Palavra

viva de Deus. Deste modo, eles tinham desejo de falar a pessoas de todos os níveis, de forma objetiva e não rebuscada, para que esta fosse compreendida. Esse conceito era muito diferente daquele predominante na Igreja Anglicana, como aponta Jones (1993). Esta mantinha um estilo de pregação muito florida, sendo até mesmo ministrada em latim, ainda que para ouvintes sem nenhum grau de instrumentalidade na língua.

Os puritanos usavam o método reformado de pregar, lançando mão de um tipo especial de estrutura, de esboço de sermão, que era estruturalmente diferente do que vemos nas homílias²³¹. Os sermões puritanos eram devotos em sua metodologia. Segundo Ryken (2013, p. 178), eles seguiam uma forma composta basicamente por três partes: 1- Interação com o sentido superficial do texto bíblico, 2- Dedução de princípios doutrinários e morais do texto, 3- Demonstração de como aqueles princípios podem ser aplicados na vida cristã diária. Nichols (2011, p.12) elucida:

Começavam com um texto bíblico, normalmente apenas com um versículo ou uma pequena porção das Escrituras. Na maior parte das vezes, mas nem sempre, fazia-se uma breve exposição logo após a leitura do texto. Em seguida, vinha a doutrina, que era apresentada por meio de uma única sentença e depois desenvolvida em muitos parágrafos com esboços detalhados.

Como explica Ferreira (2009), no contexto primitivo, destacavam-se dois tipos de sermão. Um relacionado à forma antiga, que recebe este nome por ter surgido com os primeiros pregadores da Antiguidade, como João Crisóstomo e Agostinho. Este método, não seguia nenhuma estrutura organizada, seguindo a ordem do texto, com exegese e aplicação. A outra forma era um estilo de pregação desenvolvido com base na oratória ciceroniana, repleta de adendos ornamentais, que demandava uma vasta cultura filosófica, oratória, poética e histórica, além do exercício e a imitação dos melhores autores, das suas sentenças e de seu conteúdo moral, como presente nas homílias anglicanas.

Lopes (2004) comenta que uma das queixas dos puritanos era que, embora a Igreja Anglicana dispusesse de muitos oradores eloquentes, nenhum deles poderia ser considerado um pregador, pois a despeito de suas habilidades discursivas, negligenciavam o conteúdo da Escrituras. Deste modo, por valorizarem mais a disseminação do próprio texto do que os floreios do discurso, os puritanos tomaram esta

²³¹ Waznak (1998,p.01) salienta: “In current Catholic parlance “homily” is distinguished from “sermon” where the later names a form of preaching that is not necessarily connected to the biblical and liturgical texts and is heard outside the context of the liturgy.”

forma de pregação, eliminaram toda sua ornamentação, passando a lançar mão do tipo de sermão clássico, muito próximo ao sermão que encontramos nos livros de homilética, com introdução, divisão do texto, pregação de pontos em sucessão e a conclusão (RYKEN,2013). Para os reformadores a homilética, a arte de pregar, deveria estar atrelada a retórica e dialética, mas não baseada nestas.

Em 1592 foi publicado o primeiro manual de homilética para pregadores da Inglaterra, escrito por William Perkins (1558-1602), intitulado *A Arte de Profetizar*, em que a palavra “profetizar” tem o sentido de pregar. Perkins defendeu que existem quatro princípios que devem reger o pregador: 1- Ler o texto claramente nas Escrituras canônicas; 2- Explicar o seu sentido, depois de lido, de acordo com as Escrituras; 3- Reunir alguns pontos de doutrina proveitosos, extraídos do sentido natural da passagem; 4- Aplicar as doutrinas explicadas à vida e prática da congregação em palavras simples e diretas. Na qualidade de retórico, expositor, teólogo e pastor, Perkins tornou-se uma figura proeminente do movimento puritano. Por ocasião de sua morte, os seus escritos vendiam mais que os de João Calvino e Teodoro de Beza²³² juntos, além de também ter sido um influenciador entre as igrejas nas colônias americanas, incluindo o pensamento de Jonathan Edwards²³³. Segundo Porter (1958, p.260), ele “moldou a piedade de toda uma nação”.

Gomes (2009, p.23) comenta que o sermão atingiu o ápice de sua popularidade durante o movimento chamado de *Great Awakening* (Grande Despertar): Fenômeno sociorreligioso em reação por parte de pastores e homens religiosos ao formalismo a que o puritanismo estava sendo submetido, com seus principais ideais sendo esquecidos ou adquirindo pouca importância. Nessa mesma época, o racionalismo iluminista e sua versão religiosa, o deísmo, ameaçavam diretamente não somente as convicções evangélicas e reformadas dos puritanos, mas também os próprios fundamentos do cristianismo histórico. Ruland e Bradbury (1991, p.37²³⁴) esclarecem:

²³² Discípulo e sucessor de João Calvino na Igreja de Genebra, e escritor do livro biográfico do seu mestre, intitulado *A Vida e a Morte de João Calvino*.

²³³ Edwards foi um leitor de Perkins. Em *Religious Affections*, ele faz uma citação direta ao autor: “The famous Mr. Perkins distinguishes between “those sorrows that come through convictions of conscience, and melancholic passions arising only from mere imagination, strongly conceived in the brain; which, he says, usually come on a sudden, like lightning into a house.”. (WJE 1:253)

²³⁴ The eighteenth century was a period of major change in American ideals, a change which did not so much displace the millenarian impulses so deeply associated with the American continent and American settlement as refashion them in response to the intellectual and scientific questions of the Age of Reason. In America, as elsewhere, the Reformation world of Aristotle and Ramus gave way to the Enlightenment world shaped by Newton and Locke; philosophy turned from rigid theology toward natural science; the

O século XVIII foi um período de grande mudança nos ideais norte-americanos, e essa mudança não alterou de modo significativo os impulsos milenares tão profundamente associados ao Continente americano e à colonização dos Estados Unidos, mas foram remodelados em resposta às questões intelectuais e científicas da Era da Razão. Nos Estados Unidos, como também em outros lugares, o mundo da Reforma de Aristóteles e Ramus deu lugar ao mundo do Iluminismo construído por Newton e Locke; a Filosofia, em vez de teologia rígida, transformou-se em ciência natural; os valores do Deísmo e do naturalismo moral, bem como o liberalismo e o progresso, pouco a pouco se tornaram caminhos adequados para a interpretação da experiência Norte-americana.

Em meio a esse cenário, surgiu Jonathan Edwards (1703-1758) na Nova Inglaterra, figura cujo discurso pretendemos analisar em trabalhos posteriores, haja vista a posição de destaque que Edwards recebe enquanto orador no cenário americano. Pregador, pastor, teólogo, escritor²³⁵, acadêmico, metafísico e líder avivalista, ele era portador de uma mente privilegiada que se desenvolveu para ser uma das figuras mais influentes na cultura de língua inglesa colonial dos anos de 1.700. Um dos mais exímios oradores da América, o objetivo da retórica, se ele tivesse se utilizado deste termo, seria o de discorrer e explicar a respeito da possibilidade de comunicação entre Deus e o homem. Assim, de um modo puramente retórico é que se fundamentava a sua compreensão acerca do mundo, a partir do principal meio de comunicação entre o Criador e a humanidade, a saber, as Escrituras, interpretadas à luz do princípio hermenêutico fundamental da Reforma Protestante: o *Sola Scriptura*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível estabelecer algumas conexões entre a Reforma Protestante e sua reverberação retórica em alguns pontos da história. Isso se deu a partir de um estudo sobre as contribuições de Martinho Lutero e, posteriormente João Calvino, nomes de maior influência para o movimento reformista desde o século XVI até hoje. Estes, legaram a história os princípios de interpretação e exegese do texto bíblico que passaram a nortear os sermões protestantes. No campo hermenêutico, ambos demonstraram a importância da busca do sentido pleno do texto bíblico, sem a necessidade de interpretações alegóricas, e, ao mesmo tempo, sem implicar em

values of Deism and moral naturalism, liberalism and progress increasingly became the appropriated ways to interpret American experience. (RULAND; BRADBURY,1991, p.37).

²³⁵ Segundo Ferreira (2014, p.286), Edwards escreveu cerca de mais de mil sermões, além das suas *Resoluções*; seu *Diário* pessoal; as *Miscelâneas*, alguns tratados e livros.

interpretações literalistas. Tal interpretação compreendia o escopo, o contexto e a abrangência do texto, a intencionalidade do autor e a mensagem completa da Escritura.

No que se refere especificamente a Calvino, a sua forma de exposição, que rejeitava uma retórica meramente ornamental em favor de uma retórica com consistência intelectual, foi um dos seus principais legados. Esta forma influenciou o movimento puritano e seus mestres a manterem uma exposição regular de textos bíblicos inteiros, com uma exploração bem articulada dos mesmos. A partir disso, anos depois, William Perkins, depreendendo sentido da influência reformada no âmbito retórico e hermenêutico, lançou o primeiro manual de homilética sistematizado da época.

Todo esse arcabouço atravessou os séculos até chegar em Jonathan Edwards, na Nova Inglaterra, na era da razão. Para Edwards, o que determina a finalidade do discurso são as suas origens e os seus fundamentos. Em seu ponto de vista, embora a ciência fosse importante, era apenas um aspecto único que não poderia suplantar a finalidade divina. Ainda que por um lado a ciência confirma a existência de estruturas e leis que todos os homens podem compreender, nem tudo está no alcance do seu campo interpretativo.

Daí a importância da pregação como uma exposição clara e direta, bem estruturada e com aplicação pessoal, capaz de transmitir sentido e convencer as mentes dos ouvintes acerca de uma realidade espiritual, não material, cientificamente inexplicável. Essa era a ideia de Jonathan Edwards, que construiu sermões seguindo a linha puritana, descrevendo analogias referentes a domínios humanamente inacessíveis, no intuito de converter, exortar e instruir os seus ouvintes, lançando mão de uma retórica que ecoa até o presente século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREEN, Q. *John Calvin: A Study in French Humanism*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1931.

CALVINO, J. *1 Coríntios*, in: *Calvin's Commentaries*. Albany: Ages, 1998.

_____. *As Institutas da Religião Cristã*. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____. *As Pastorais*. São Paulo: Edições Paracletos. 1998.

_____. *Commentary on the Gospel According to John*. Vol 1 e 2. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1847.

_____. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997.

FERREIRA, F. *Servos de Deus: espiritualidade e teologia na história da igreja*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.

- GOMES, A. S. *Literatura norte-americana*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.
- GONZÁLEZ, J. L. *História Ilustrada do Cristianismo: A era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- JONES, D.M.L., *Os Puritanos: Suas origens e Seus sucessores*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.
- KENNEDY, G.A. *Classical rhetoric and its Christian and secular tradition from ancient to modern times*, 2. Ed. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.
- LAWSON, S. *O Pregador da Palavra de Deus in João Calvino: amor à devoção, doutrina e glória de Deus*. São Paulo: Fiel, 2002.
- LOPES, A.N. *A Bíblia e Seus Intérpretes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- LOPES, H.D. *A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja*. São Paulo: Editora Candeia: 2004.
- LUTERO, M. *The letters of Martin Luther*. Selected and translated by Margaret Currie. London: Macmillan, 1908. Disponível em <https://archive.org/details/lettersofmartin100luth>. Acessado em 12/12/2017.
- LUTERO, M. *Obras Seleccionadas*, vol. 2, O Programa da Reforma: Escritos de 1520. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989.
- MCGRATH, A. E. *Lutero e a teologia da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- _____. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: Uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.
- OLSON, R. *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Editora Vida, 2001.
- PACKER, J.I. *Entre os gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel. 1996.
- PERKINS, W. *A arte de profetizar*. Academia Brasileira de Estudos em Teologia Reformada. Instituto Malleus Dei. 2011.
- PORTER, H.C., *Reformation and Reaction in Tudor Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958. p. 258-60.
- RANDELL, K. *Lutero e a Reforma Alemã*. São Paulo: Ática, 1995.
- RYKEN, L. *Santos no mundo: Os puritanos como realmente eram*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.
- RULAND, R.; BRADBURY M., *From Puritanism to Postmodernism: A history of American Literature*. United States: Penguin Books, 1991. P. 1-58.
- SPILLER, R., *The cycle of American Literature*. London: The Macmillan Company, 1967. P. 1-18.
- VIRKLER, H. A. *Hermenêutica Avançada: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 1998.
- WAZNAK, R.P. *An introduction to the homily*. Collegeville, Minesota. The Liturgical Press: 1998. p. 1-31.